

Subsídios para a compreensão de alguns aspectos do Ideal do Eu da criança africana

CARLOS AMARAL DIAS *

Na sua diversidade ecológica e humana, as sociedades da África tradicional possuem uma vasta unidade cultural que se pode observar a diferentes níveis: técnicas produtivas; economia; na política; no parentesco (viver na solidariedade da *linhagem*), na arte, na religião, etc.

A unidade da família tradicional africana encontra-se no entanto hoje submetida a enormes pressões suscitadas por mudanças sociais rápidas. A industrialização, a urbanização e os fenómenos de aculturação ocidental, têm contribuído de um modo, maior ou menor, para modificar a paisagem humana em África. Sabe-se que a introdução da técnica modifica realmente (e radicalmente) as relações inter-humanas e a relação do homem com o mundo; separa as gerações e tende à individualização do homem africano (Collomb, 1967; Luz e Amaral Dias, 1973).

Neste contexto, os antigos modelos de aprendizagem, com os seus diferentes cerimoniais, são quebrados. Com o advento da escolaridade, outros mestres existem que não os pais, todo

o acompanhamento educativo tende a ser quebrado, os ritos bem como as instituições perdem a sua força, os rituais de passagem são formas vazias que já não integram ninguém em nada, etc. Enfraquecidos os deuses e os cultos, desaparecendo as classes de idade, o que é que se passa e passará?

O nosso trabalho destinava-se a aclarar um dos pontos da questão. Impressionados com as formas de aculturação referidas, ensaiámos a aplicação de um questionário simples a crianças de idade escolar, numa zona de Angola, onde permanecemos cerca de um ano (de Fevereiro de 1974 a Janeiro de 1975). Essa região — Cazomo — fica situada no Leste de Angola, numa zona habitada principalmente por duas tribos: Quiocos e Luenas. Tratava-se na altura de uma pequena vila, rodeada de diferentes «Quimbos» onde habitavam alguns milhares de africanos.

O que quisemos avaliar para além de outras questões (problemas de condições higiénicas, alimentares, etc.), foi a forma de inserção cultural da criança africana em idade escolar, e particularmente os arranjos que se passariam a nível do Ideal do Eu. Para além do questionário de características psicossociais, aplicamos também o desenho da figura humana e tentamos verificar o comportamento das Matrizes Progressivas de Raven na população estudada.

* Psiquiatra, Psicanalista e membro da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Assistente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Director do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga em Coimbra.

Durante a elaboração deste trabalho o autor foi encarregado da regência da Cadeira de Psicologia Médica da Universidade de Luanda e Director do Gabinete de Psicologia Médica dessa Universidade.

O trabalho ora publicado preocupa-se tão-somente com os aspectos dos ideais do Eu. Embora sensíveis ao problema da sugestão influente na própria pessoa do inquiridor (branco, de outra cultura), e aos aspectos mágicos (o médico, «tchimbanda»), pensamos no entanto que os resultados agora apresentados têm pelo menos o mérito de «inaugurar» uma discussão importante do ponto de vista da antropologia psicodinâmica e analítica.

Num outro trabalho (e num outro contexto), referimo-nos ao *estatuto interno do professor* na vida mental da criança, e depois do adolescente (Amaral Dias e Nunes Vicente, 1977). Vimos nele que o professor facilitava a transferência sobre ele mesmo das imagens parentais, contribuindo para a dessexualização das pulsões edípicas e ajudando à introjecção do Núcleo do Super-Eu, canalizava os processos mentais resultantes da dessexualização para outros fins que não os sexuais motivando a curiosidade infantil, e de um ponto de vista económico podia-se também dizer que era com ele e por ele que a passagem do pensamento experimental ao pensamento reflectido se tornava mais facilmente possível (Nicolaidis, 1973; Terrier e Bigeault, 1973).

Dir-se-ia que facilitando a integração na Cultura — que é no fundo a Cultura do(s) Pai(s) —, o professor constituía um ponto nodal na evolução do pensamento infantil.

Porém, no contexto a que nos referimos, a situação não é de todo em todo idêntica.

Sabemos que os processos educativos africanos têm características particulares. Desde a relação didáctica estabelecida em modalidades de corpo a corpo peculiares, e com consequências também peculiares mesmo a nível dos processos mentais que dizem respeito ao pensamento (Malpique, 1968), até às formas colectivas de cultura típicas das sociedades tribais, tudo é em boa parte diferente. Aliás as observações feitas no quotidiano permitiram confirmar de certo modo a existência de uma cultura que podemos designar como «Projectiva», «Paranóide», o que não vai sem consequências a

nível das funções dizendo respeito ao binómio Super-Eu/Ideal do Eu.

Com efeito, se podemos esquematizar a estrutura superegógica «ocidental» como aquela que organiza o seu espaço psíquico com a introjecção da Lei do Pai, nela verificamos também algumas características mais ou menos constantes: as suas exigências são sobretudo internas, destinam-se a ser escutadas continuamente e fazem-se pagar com a culpabilidade, se porventura transgredidas. O seu conteúdo é formulado mais ou menos abstractamente e as angústias resultantes de um conflito entre esta instância e outras são pouco susceptíveis de rejeição e projecção.

Podemos dizer-se que, pelo contrário, observamos com grande frequência que as exigências superegógicas em África (nomeadamente em Cazombo), são mais viradas para o exterior, quer dizer projectadas, a sua satisfação é descontínua e imediata, as transgressões suscitam uma angústia mais viva e mais acessível à projecção. Por outro lado as censuras superegógicas são sempre percebidas de um modo mais concreto. A «consciência moral» de Freud é uma consciência mais ligada ao factual que a formas conceptuais elaboradas (Muenstenberger, 1976; Parin e Morjenthler, 1976).

Suponho que o Super-Eu africano é sobretudo de origem maternal e pouco corrigido pela linha paterna. Aliás Collomb nos seus trabalhos sobre os surtos delirantes em África e sobre as depressões mascaradas psicóticas (Collomb, 1965; Hanch *et al.*, 1976), mostra a fraca elaboração das defesas anais antes da fase fálica aquando da formação do Eu. A importância da oralidade da relação fantasmática subjacente, verifica-se aí pela negativa, pois que a regressão à oralidade «consequência da agressão psicológica», «torna-se tábuca de salvação», apesar de tudo, do homem africano.

Nesta conjuntura, agravada pelos fenómenos de aculturação, a criança africana, pelo menos durante a ocupação portuguesa via-se permanentemente confrontada entre uma cultura parental desvalorizada, veiculada por pro-

cessos e ritos eles mesmos em declínio, e uma outra cultura europeia, portadora de «benefícios» e «vantagens» que evidentemente invejados não deixavam também de ser objecto de uma certa idealização.

Sabemos que o Ideal do Eu tem uma origem maternal, e que é sobretudo de carácter narcísico e arcaico. Ligado por diferentes autores à onnipotência infantil e ao desejo de fusão com a mãe, ele é definido por Freud como uma tentativa de encontrar a perfeição narcísica inicial. Isto é, há no homem uma tendência a «recobrir sob a forma nova de um Ideal do Eu, a perfeição precoce que lhe foi arrancada. O que projecta diante dele mesmo como ideal, é simplesmente o substituto do narcisismo perdido da sua infância, do tempo aonde ele era o seu próprio ideal» (Freud, 1914). Este lado megalomaniaco do Ideal do Eu é «normalmente» corrigido pelo Super-Eu com o qual acaba por fundir-se no binómio atrás referido.

Por outro lado diferentes autores mostraram o problema da idealização da formação do Ideal do Eu. Assim H. Rosenfeld define-o como «o aspecto do Super-Eu organizado a partir de uma identificação aquando aos pais idealizados» (Rosenfeld, 1963). A. Reich baseia o Ideal do Eu sobre o desejo de negação dos limites do Eu bem como do dos Pais, «e da reconstrução da onnipotência infantil por identificação ao Pai idealizado» (Reich, 1954). O Ideal do Eu para esta autora é na origem uma identificação à mãe primitiva, mas pode, em seguida, projectar-se sobre o pénis paterno tendo em vista uma negação do medo da castração (Chasseguet-Smirgel, 1973).

Voltando ao tema deste trabalho, verifica-se facilmente que as crianças inquiridas *desejam* ser coisas que de facto, na imensa maioria, *não serão* (ver quadro I). Ora, o Ideal do Eu representa justamente o que se deseja ser, o Super-Eu o que se deve ser. Sendo assim, pode-se dizer que estas aspirações idealizadas, não foram submetidas à prova da realidade.

Por outro lado, e como já dissemos, o «Eu Africano» é mal organizado do ponto de vista da analidade; o Super-Eu observado tinha im-

portantes características que se podiam ligar à linhagem materna (maior passagem ao acto, maior projecção, menor culpabilidade, etc.). Finalmente no contacto com a cultura ocidental, a cultura africana aculturou-se, sendo que para a criança o Super-Eu familiar, os costumes e a cultura tradicional são desapontantes e passíveis de desvalorização.

Nesta situação, a cultura ocidental, o «branco» sobretudo, é susceptível de uma idealização. *Dir-se-ia que os resultados encontrados, bem como os desenhos da figura humana, mostram uma identificação ao Pai idealizado (o branco), facilitando a construção de um Ideal do Eu megalomaniaco.* Esta megalomania é aliás facilitada pela fraqueza anal do Eu e pela insuficiência Superegógica em assimilar as novas realidades sócio-afectivas. Algumas respostas (governador de distrito, piloto, etc.) mostram a evidência este ponto de vista.

A nossa hipótese de trabalho pode-se portanto resumir do seguinte modo: os resultados mostram uma ligação do pai idealizado à figura do homem branco e à cultura ocidental, o que de certo modo testemunha como as *formas de aculturação dificultam pela sua presença a fusão entre as identificações primitivas e as mais tardias.*

Pensamos que melhor do que ninguém o homem africano é testemunho desta dificuldade. Recolhemos para terminar e para reflectir alguns excertos tirados do n.º 73 de *Présence Africaine*:

«Na minha opinião, acredito que no fundo, no próprio momento em que falamos, somos tanto elite africana como os europeus o foram na nossa terra» (...)

(...) «Estamos de fora e já vencidos, pois que seguimos o modelo que essa sociedade (1) oferecia» (Bipoun-Woun, 1970).

«Insisto sobre esta ideia capital. (...) Bipoun diz e eu partilho o seu ponto de vista que esta elite dirigente não é senão uma elite ocidentalizada. Eu ajunto que se trata de uma falsa oci-

¹ Subentende-se a ocidental.

QUADRO I

IDADE	SEXO	FAMÍLIA	PROFISSÃO DESEJADA	RAZÃO DA ESCOLHA
5	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Gosta de ensinar
6	F	Tradicional africana	Médica	Gosta muito de doentes
6	F	Tradicional africana	Médica	Gosta de doentes
6	M	Tradicional africana	Professor	Gosta de ensinar
6	M	Tradicional africana	Professor	Para ensinar os alunos
6	F	Tradicional africana	Professora	Gosta muito
6	M	Tradicional africana	Secretário da Admin.	Gosta de tratar dos problemas
7	F	Família ocidentalizada	Professora	Gosta muito
7	M	Tradicional africana	Professor	Porque gosta
7	F	Família ocidentalizada	Cabeleireira	Gosta muito
7	F	Tradicional africana	Directora de Posto	Gosta muito
7	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professor	Gosta de ensinar
7	M	Tradicional africana	Professor	Gosta de ensinar
7	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Para ensinar os alunos
7	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Gosta de ser
7	F	Família ocidentalizada	Professora	Gosta muito
7	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Padre	Porque gostava
7	M	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Professor	Por querer ensinar
8	M	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Piloto da Aerangol	Gosta de pilotar
8	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Enfermeira	Gosta muito de doentes
8	F	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Professora	Gosta de ensinar
8	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Irmã na Missão	Gosta muito
8	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Enfermeira	Gosta muito
8	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professor	Gosta muito

IDADE	SEXO	FAMILIA	PROFISSÃO DESEJADA	RAZÃO DA ESCOLHA
8	M	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Enfermeiro	Gosta dessa profissão
8	F	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Professora	Gosta muito
8	F	«Ocidentalizada»	Professora	Porque gosta
8	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professor	Porque gosta
8	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Gosta muito
8	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Governador do Luso	Gosta muito
9	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Doutor	Gosta muito
9	M	Tradicional africana	Professor	Para ensinar os alunos
9	F	Tradicional africana	Irmã	Gosta muito
9	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Governador	Para ver as terras
9	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Administrador do Luso	Gosta muito
9	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professor	Gosta da escola
9	F	Tradicional africana	Madre	Porque gostava
9	F	Tradicional africana	Enfermeira	Não sabe
9	F	Tradicional africana com um certo grau de aculturação	Professor	Gostava muito
10	M	Tradicional africana	Piloto da Aerangol	Porque gostava
10	M	Tradicional africana	Enfermeira	Gosta dos doentes
10	M	Familia com importantes elementos de aculturação	Administrador	Gosta muito
10	F	Tradicional africana	Doutora	Porque gosta de tratar doentes
10	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Madre	Não sei explicar
10	M	Tradicional africana	Doutor	Porque gosta
10	M	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Doutor	Gosta muito
10	M	Tradicional africana	Administrador de Posto	Para mandar nos brancos e pretos

IDADE	SEXO	FAMÍLIA	PROFISSÃO DESEJADA	RAZÃO DA ESCOLHA
10	F	Família ocidentalizada	Professora	Gosta de ensinar meninos
10	F	Família ocidentalizada	Professora	Gosta muito
10	M	Tradicional africana	Professor	Gosta muito
10	F	Tradicional africana	Enfermeira	Porque gosta
10	F	Tradicional africana com importantes elementos de aculturação	Enfermeira	Gosta dos doentes
10	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Enfermeira	Gosta muito de enfermagem
11	F	Tradicional africana	Professora	Porque gosta muito
11	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Gosta muito
11	M	Tradicional africana	Professor	Gosta muito de ensinar
11	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Gosta muito
11	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Mecânico	Gosta imenso
11	M	Tradicional africana	Padre	Gosta muito
11	M	Tradicional africana	Doutor	Gosta muito
11	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Porque gosta muito
11	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Enfermeira	Gosta dos doentes
12	M	Tradicional africana	Enfermeiro	Gosta muito de enfermagem
12	M	Tradicional africana	Motorista	Gosta de guiar
12	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professor	Gosta imenso
12	M	Tradicional africana	Enfermeiro	Gosta muito de enfermagem
12	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Gosta muito de enfermagem
12	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Porque gosta muito
13	F	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professora	Por gostar muito
13	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Padre	Gosta de religião
13	M	Tradicional africana com poucos elementos de aculturação	Professor	Por gostar muito

dentalização. Em toda a elite há aspectos universais.

Mas por comparação com a elite ocidental, é uma falsa elite, quer dizer, que tomando para ela valores que lhe são externos, emprega-os mal. Cópia, mas falsa cópia» (Ngom, 1970).

RESUMO

A partir de um questionário elaborado sobre «O que queres ser quando fores grande», inquirimos setenta e uma crianças africanas na localidade de Cazombo — Angola. Este trabalho, inserido num trabalho de campo mais vasto permitiu-nos a elaboração da hipótese que o homem branco e a cultura ocidental estão ligados ao Pai idealizado e ao Ideal do Eu megalómano infantil. Esta hipótese insere-se numa explicação mais vasta que leva em conta aspectos peculiares da Psicologia Africana, bem como os fenómenos de aculturação ocidental.

RÉSUMÉ

En ayant recours à un questionnaire élaboré sur le sujet «Qu'est que tu veux faire quand tu seras grand?», nous avons interviewé 71 enfants africains dans la région de Cazombo, Angola. Ce travail, qui s'insère dans un champ plus large, nous a permis d'élaborer l'hypothèse que l'homme blanc et la culture occidentale sont attachés au père idéalisé et à l'Idéal du Moi megalomane infantin. Cette hypothèse est insérée dans une explication qui contient des aspects particuliers de la Psychologie Africaine, ainsi que des phénomènes d'acculturation occidentale.

SUMMARY

Based on a questionnaire worked out on «what will you be, when you grow up?», we questioned 71 african children at the place of Cazombo Angola. This work, included in a wider field of work, allows the working up of the assumption that the white man and the western culture are linked to the idealized Father and to the megalomaniac infantile Ego Ideal. This assumption is included in a wider explanation, which takes into account some peculiar features of the African Psychology, as well as the western phenomena of acculturation.

REFERÊNCIAS

- AMARAL DIAS, C. e NUNES VICENTE, T. (1977) — «Alguns aspectos de trabalho com educadores: Uma experiência de Intervenção — Psicoterapêutica do Professor sobre a Família e/ou sobre o Jovem». (Trabalho não publicado.)
- BIPOUN-WOUN, Joseph (1970) — «De l'élite — Introduction», *Presence Africaine* n.º 73, 1.º trimestre.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1973) — «Essai sur l'Idéal du Moi — Contribution à l'étude Psychanalytique de la maladie de l'idéalité», *Rev. Fr. de Psychanal.* 5-6:709-931.
- COLLOMB, H. (1965) — «Bouffées délirantes en Psychiatrie Africaine», *Psychopathologie Africaine*, 1:167-240.
- COLLOMB, H. (1967) — «La mise en mort de la Famille», *La Psychiatrie de l'Enfant*, 20; 1:245-299.
- FREUD, S. (1914) — «Sobre o narcisismo, uma introdução», *Ed. Standard brasileira das Obras Completas de S. Freud*, vol. XIV, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.
- FREUD, S. (1921) — «Psicologia de grupo e a análise do Ego», *Ed. Standard brasileira das Obras Completas de S. Freud*, vol. XVIII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.
- HANCH, P., COLLOMB, H. e BOUSSAT, M. (1976) — «Depressions masquées psychotiques ou marque noire de la depression», *Acta Psychiat. Belga*, 76: 26-45.
- LUZ, A. L. C. e AMARAL DIAS, C. (1973) — «Introdução à Psicologia Africana», *Apontamentos de Psicologia Médica da Universidade de Luanda*, 1973-74.
- MALPIQUE, Celeste da Cruz (1968) — «Influência da Relação Mãe-Filho no desenvolvimento Psicomotor da Criança Angolana nos dois primeiros anos», *Sep. Bol. Inst. Invest. Cient. Angolana (Luanda)* 5 (1):41-66.
- MUENSTENBERGER, W. (1976) — *L'anthropologie Psychanalytique depuis Totem et Tabou*, Payot, Paris.
- NGOM, Gilbert (1970) — «Intervention», *Presence Africaine* n.º 73, 1.º trimestre.
- NICOLAIDIS, Nicos (1973) — «Proto-Édipe e Édipe Édipifié», *Rev. Fr. de Psychoanal.*, tomo XXXVIII:473-490.
- PARIN, P. e MORJENTHCLER (1976) — «L'analyse du caractère basée sur le Schème de comportement des primitifs Africains», in MUENSTENBERGER (1976).
- REICH, A. (1954) — «Early Identifications as archaic elements in the Superego», *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 2:218-238.
- ROSENFELD, H. (1963) — «Le Surmoi et l'Idéal du Moi», *Rev. Fr. Psychanal.*, 27:543-553.
- TERRIER, Gilbert e BIGEAULT, Jean-Pierre (1973) — «Édipe Adolescents», *Rev. Fr. de Psychanal.*, tomo XXXVII:451-471.

Psicologia Aplicada ao Trabalho

Recrutamos cientificamente pessoal
e damos garantias da qualidade do
nosso trabalho

Os resultados dos exames
psicotécnicos, antes de enviados
para as empresas, serão sempre
discutidos com os candidatos

CONSULTE-NOS



**CENTRO DE ESTUDOS E ORGANIZAÇÃO
CIENTÍFICA DO TRABALHO, S. A. R. L.**

Av. Casal Ribeiro, 18-s/l., 1.º e 2.º - Telef. 57 97 00, 57 97 50, 57 98 00, 57 98 50 e 57 99 00 - Lisboa 1